

# Para uma leitura do poema “Fúrias”, de Sophia de Mello Breyner Andresen

Clara Rocha\*

## Resumo

O título do poema “Fúrias”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, remete no plano pré-textual para as quotidianas cóleras ou irritações que o determinaram (tal como o título “Contrariedades”, de Cesário Verde), e no plano propriamente textual para a metalinguagem do mito. As deusas da mitologia clássica são convocadas e reconfiguradas neste texto de Sophia, no regime da paródia: dessacralizadas, trivializadas, as Fúrias são aqui a imagem da desordem do mundo atual, que nega ou destrói a ordem essencial da natureza. As representações descritivas das Fúrias ao longo do poema convertem um sentido em forma, ao mesmo tempo que operam a passagem do mito à eventualidade histórica, falando-nos dum tempo “a contra-tempo” que quebrou a ordem natural do mundo.

Palavras-chave: Fúrias; Mito; Paródia; Intemporalidade; Contingência.

Antes de serem, no título do poema, nome de deusas da mitologia clássica, as “fúrias” são as iras, as cóleras, as quotidianas irritações que pré-textualmente o determinaram. Até certo ponto, esta composição faz lembrar “Contrariedades”, de Cesário Verde, onde também a impaciência e o ressentimento se convertem em ímpeto ou “furor” poético, e se corporizam na escrita. Ambos os poemas textualizam a exasperação num título seguido da sua ilustração discursiva; ambos exprimem uma ligação ao real de ordem sarcástica, condicionada por factores adversos, por “contrariedades” (Cesário) ou “contratempos” (Sophia), por uma impossibilidade mais ou menos circunstancial de conciliação entre o sujeito e o mundo; ambos falam excessivamente desse real, se bem

---

\* Universidade Nova de Lisboa.

que de formas diferentes (o de Cesário é realista, o de Sophia não); e ambos têm uma tonalidade catártica, graças a esse modo excessivo.

Mas o título "Fúrias" remete, já no plano propriamente textual, para a metalinguagem do mito. Fúrias são os "gênios do mundo infernal nas crenças populares romanas primitivas" (GRIMAL, [19--], p. 179), equivalentes às Erínias ou Euménides, descritas como "violentas deusas que pertencem ao grupo das mais antigas forças do panteão grego", pelas quais "se exprime a concepção fundamental do espírito helénico a respeito de uma certa ordem do mundo, que deve ser protegido das forças anárquicas" (*id.*, p. 147). Com os cabelos eriçados de serpentes, são geralmente três, e não reconhecem qualquer outra autoridade divina, nem mesmo a de Zeus. Da escuridão dos Infernos, onde moram, punem todos os excessos humanos, perseguem os criminosos e enlouquecem as suas vítimas, castigando-as assim da *hybris* que as faz esquecer a sua condição e desafiar a ordem social.

O poema de Sophia convoca e reconfigura o mito, no regime da paródia, ou seja, da inflexão que simultaneamente o decalca e deforma: "Sem cabelos eriçados de serpentes", "Sem rosto e sem máscara", "Já não perseguem sacrílegos e parricidas/ Preferem vítimas inocentes/ Que de forma nenhuma as provocaram". Dessacralizadas, trivializadas, em vez de protectoras da ordem social, as Fúrias são aqui a imagem da desordem, ou duma nova ordem do mundo – esse mundo actual, estilhaçado e confuso, "tão bem organizado que se desorganizou", como Sophia o definiu numa das suas fórmulas próprias. "A eficácia que se avaria": eis a caracterização poética da contingência, duma contingência que se sobrepõe à ordem essencial da natureza, ocultando-a, negando-a ou destruindo-a ("Por elas o dia perde seus longos planos lisos/ Seu sumo de fruta/ Sua fragrância de flor/ Seu marinho alvoroço").

Num conhecido ensaio intitulado "Le mythe, aujourd'hui", Roland Barthes escreveu: "Quel est le propre du mythe? C'est de transformer un sens en forme" (BARTHES, [19--], p. 204). É justamente o que Sophia faz neste poema, ao lançar mão do mito para representar o real: ao parodiar e actualizar esse mito, dá-lhe novas feições, enumera "formas" concretas das forças infernais que atormentam ou castigam o homem contemporâneo, na sua circunstância temporal e social: "São/ Torneira que se estraga atraso de autocarro/ Sopa que transborda na panela/ Caneta que se perde aspirador que não aspira/ Táxi que não há recibo extra-aviado/ Empurrão cotovelada espera/ Burocrático desvario". Todos estes símiles ou exemplos se destinam a presentificar essas forças, numa expressividade paratáctica que culmina e encontra a sua síntese no verso "Elas são a peculiar maravilha do mundo moderno" – verso onde a antífrase surge como a figura retórica da exasperação dolorida.

Da presentificação do mito em formas hodiernas resulta outro aspecto importante do poema: a passagem do mito à História, da intemporalidade à contingência, do essencial ao acidental. Não esqueçamos que as Erínias pertencem, na mitologia grega, ao grupo das divindades mais antigas, anteriores ao próprio Zeus; a reconversão dessas forças arquetípicas em acidentes dum tempo presente não podia ter maior intencionalidade expressiva, pelo propositado desfasamento que cria. Abundam no texto as referências ao tempo (“a mais íntima humildade/ Do quotidiano”, “as meticulosas mãos do dia-a-dia”, “E o tempo é transformado/ Em tarefa e pressa/ A contratempo”), bem como as marcas duma *deíxis* temporal (“agora”, “mundo moderno”), reforçadas pela datação do poema (1988).

Assim, as equivalências descritivas das “Fúrias” não convertem apenas um sentido em forma(s): elas operam também a passagem do mito à eventualidade histórica, e falam-nos dum tempo “a contratempo”, que com o seu diferente compasso quebrou a ordem natural do mundo – e, na circunstância, perturbou a harmoniosa serenidade do poema.

## Abstract

The title of Sophia de Mello Breyner Andresen’s poem “Furies” refers, at a pre-textual level, to the dialy irritations that have brought it about (just as the title of Cesário Verde’s “Annoyances”), and, at the textual level proper, to the metalanguage of myth. The goddesses of classical mythology are summoned and re-shaped in Andresen’s text on the parody mode: rendered unsacred and trivialised, these Furies are the image of the disorder of today’s world, which denies or destroys nature’s essential order. Descriptive representations of the Furies along the poem convert a sense into form, while operating the passage from myth to historical contingency, telling us of a time in “countertime” that has disrupted the world’s natural order.

Key words: Furies; Myth; Parody; Intemporality; Contingency.

## Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Ilhas**. Lisboa: Texto Editora, 1989.
- BARTHES, Roland. **Mythologies**. Paris: Seuil, [19--] (1. ed. 1957).
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Lisboa: Difel, [19--].

## FÚRIAS

Sophia de Mello Breyner Andresen

Escorraçadas do pecado e do sagrado  
Habitam agora a mais íntima humildade  
Do quotidiano. São  
Torneira que se estraga atraso de autocarro  
Sopa que transborda na panela  
Caneta que se perde aspirador que não aspira  
Táxi que não há recibo extraviado  
Empurrão cotovelada espera  
Burocrático desvario

Sem clamor sem olhar  
Sem cabelos eriçados de serpentes  
Com as meticulosas mãos do dia-a-dia  
Elas nos desfiam

Elas são a peculiar maravilha do mundo moderno  
Sem rosto e sem máscara  
Sem nome e sem sopro  
São as hidras de mil cabeças da eficácia que se avaria

Já não perseguem sacrílegos e parricidas  
Preferem vítimas inocentes  
Que de forma nenhuma as provocaram  
Por elas o dia perde seus longos planos lisos  
Seu sumo de fruta  
Sua fragrância de flor  
Seu marinho alvoroço  
E o tempo é transformado  
Em tarefa e pressa  
A contratempo  
(ANDRESEN, *Ilhas*, p. 64-65)